

contribuindo para dar coloração ainda mais viva ao ambiente tumultuosamente movimentado.

Era o pasquim papelucho de formato reduzido, não ultrapassando os primeiros números: a maior parte ficou mesmo na edição inicial, que se tornou única. A variedade dos títulos e a freqüência com que se sucediam não significou abundância no número de jornais ou de pasquins, de jornalistas ou de pasquineiros — se é que se pode dar aquele nome aos tremendos foliculários da época — nem que as oficinas fossem também numerosas. Havia, realmente, mananciais escolhidos, verdadeiras fábricas, e não eram muitas. E havia especialistas no preparo deles, e eram também poucos. Evaristo da Veiga denunciou, em depoimento já citado, esses especialistas, no que dizia respeito a certa corrente, a dos que serviam a D. Pedro I. Um dos mananciais ou fábricas de pasquins era a oficina do *Diário do Rio de Janeiro*, de Nicolau Lobo Viana, origem dos pasquins de orientação restauradora que Evaristo acusou. Mas a oficina de Francisco de Paula Brito, à praça da Constituição, 51, era outra fábrica: dali saíram pasquins como *A Mineira no Rio de Janeiro*, supostamente feminino; *O Limão de Cheiro*, primeiro periódico do carnaval carioca, o entrudo; *O Trinta de Julho*, *O Saturnino*, e outros. Na oficina de R. Ogier, à rua do Ouvidor, 188, foram feitos vários pasquins: um dos mais conhecidos, atravessando a longuíssima existência de quatro números, foi o violentíssimo *O Brasil Aflito*, de Clemente José de Oliveira, assassinado, em consequência de suas ações, pelo filho do brigadeiro Francisco de Lima e Silva, então participando da Regência. O irmão do futuro duque de Caxias, sob cujas ordens serviria depois, em Minas e no Rio Grande do Sul, não teve meias-medidas no revide às injúrias do pasquineiro: matou-o a golpes de espada, em acontecimento que abalou a Corte. Acontecimento que não ficou sem repetição, desde que não ficaram também sem repetição as injúrias impressas, escritas não só da maneira mais livre e crua como atingindo pontos sensíveis da vida de pessoas destacadas nas atividades públicas. Simples amostra dessa linguagem, na qual se depara muito mais veneno escondido do que propriamente palavreado baixo, pode ser referido com o seguinte anúncio que, sob o inocente título de *Brincadeira*, publicou o *Grito dos Aflitos*: “Dá-se metade do ordenado de um ano de senador, pago no Ceará em moeda forte, a quem ensinar o tratamento que os filhos de uma mulher devem dar a um irmão da dita que é pai dos ditos”.

Feições diversas apresentaram os pasquins: uns permaneceram no campo doutrinário, imitando as folhas estáveis do tempo e discutindo os problemas em voga, os políticos evidentemente, pois o noticiário era praticamente nulo, mas discutindo-os de pontos de vista mais do que partidá-